

Laé de Souza

As melhores crônicas



dos projetos de leitura

Volume 3

ECOARTE
EDITORA



Projetos de Leitura

Autor - Laé de Souza

As melhores crônicas dos projetos de leitura

Volume 3

O GRUPO PROJETOS DE LEITURA desenvolve várias atividades e projetos de incentivo à leitura em todo o Brasil. São ações em escolas públicas, praças públicas, parques, ônibus metrô, aeroportos, hospitais e doação de livros para instituições filantrópicas.

Em mais uma ação para facilitar o acesso à leitura, os livros do escritor Laé de Souza, utilizados nos projetos do grupo, são disponibilizados, gratuitamente, em pdf.



Autor: Laé de Souza



Autor
Laé de Souza



Autor - Laé de Souza



Autor - Laé de Souza



Autor - Laé de Souza



Autor
Laé de Souza



Autor: Laé de Souza

Esta obra é a terceira da série que reúne os melhores textos elaborados pelos alunos participantes dos projetos “Ler é Bom, Experimente!” e “Minha Escola Lê” em um livro.

Os alunos, de várias regiões do Brasil, desenvolveram várias atividades, a partir da leitura das obras “Nos Bastidores do Cotidiano” e “Espionando o Mundo pela Fechadura”, concluídas com a elaboração de um texto.

A primeira seleção foi efetuada pelos professores que escolheram, entre os textos produzidos por seus alunos, o melhor, para concorrer ao prêmio e, assim, participar desta edição. Em seguida, uma equipe fez a escolha dos trabalhos que fazem parte desta coletânea.

Além de se deliciar com a leitura dos textos produzidos pelos alunos, o leitor terá, ainda, uma crônica de minha autoria, compartilhando o espaço com os estudantes, escritores.

Assim, agradeço, de coração, aos professores que participaram dessa iniciativa, nas suas escolas, bem como à Cia de Seguros Aliança do Brasil, que patrocina o projeto “Ler é Bom, Experimente!”, e, também, à ZF do Brasil, que patrocina o projeto “Minha Escola Lê”, e felicito aos jovens autores escolhidos a compor esta obra. Assim, a alegria desse resultado é minha, de vocês, jovens autores e, também, de seus professores e colegas.

Laé de Souza

As melhores crônicas dos projetos de leitura

Laé de Souza

Coletânea dos textos dos alunos participantes
dos projetos Ler é Bom, Experimente! e Minha Escola Lê

Volume 3 | 2011



Copyright © Laé de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laé de
As melhores crônicas dos Projetos de Leitura - Volume 3
Laé de Souza. -- 1. ed. --
São Paulo : Editora Ecoarte, 2011.

ISBN: 978-85-87588-23-4

"Coletânea de textos dos alunos participantes
dos projetos Ler é Bom, Experimente! e Minha Escola Lê".

1. Crônicas brasileiras - Coletâneas I. Título.

11-10740

CDD-869.9308

Índices para catálogo sistemático:

1. Coletâneas : Crônicas : Literatura
brasileira 869.9308
1. Crônicas brasileiras I. Título.

Assessoria e Produção Editorial:

G2R Comunicação

Ilustrações:

Rucke

Capa: *Marcel Guido*

Fotografia: *Sergio de Paula*

Revisão: *João Batista Alvarenga*

Agradecimento especial

Agradeço aos professores, parceiros nesta jornada de formar novos leitores. Os textos dos alunos é o resultado de um trabalho de leitura e atividades desenvolvidas, nas escolas, com a finalidade de fazê-los descobrir o grande prazer do ato de ler. Os professores são os grandes maestros, condutores dessa empreitada. Muitos me acompanharam nesses mais de treze anos de projetos de leitura nas escolas, por todos os cantos do Brasil. Acreditando, como eu, que é possível formar leitores. Sei qual grande alegria é para ele, professor, ter o texto de um aluno seu, nesta obra.

Aos amigos, colaboradores e patrocinadores dos projetos de leitura, que viabilizam tornar-se realidade esse sonho de um Brasil Leitor.

Aos alunos, escritores, que tiveram os seus textos escolhidos para compor esta terceira obra dos participantes dos projetos “Ler é Bom, Experimente!” e “Minha Escola Lê”.

Não temos a pretensão de torná-los escritores, mas sim de fazê-los perceber que é possível discutir, compreender e reescrever um texto com a sua percepção e com nova conotação.

Interessante, que muitos dos meus personagens tiveram finais diferentes nas histórias criadas pelos estudantes. Deixou-me feliz que o Dentinho, personagem que, no texto original, sofre pela pobreza e falta de oportunidade, entra para o crime, com um resultado nefasto, tenha em muitas outras versões escritas pelos alunos um final feliz.

Também me chamou a atenção o fato de que mesmo os que atribuíram a sorte a sua mudança, o colocaram como estudante e, a partir dos estudos, tenha mudado o seu destino. Para muitos, a sua sorte foi ter encontrado a oportunidade de estudar. É sem dúvida uma grande esperança perceber que os jovens veem a educação como possibilidade de mudar o destino das pessoas, e que só pela educação poderemos ser vencedores.

Deixa-me muito feliz que estejam comigo nesse trabalho e desejo que se tornem leitores e, também, incentivadores da leitura para que tenhamos um país melhor!

Boa leitura a todos!

Laé de Souza

Índice

-

Por autor

Laé de Souza	
Minha nova doméstica	08
Amanda de Camargo dos Santos	
Intuição – Parte 2	12
Ana Kathleen da Silva	
Maluco Beleza	13
Brenda Karla de Campos	
Zé Pinguinha vai para o céu	14
Bruno Eduardo da Silva	
Minha primeira vez	16
Daniela dos Reis Oliveira	
O velório do Zé Pinguinha	18
Gabriela Games Dalessi	
Bailão da terceira idade	20
Jacqueline Castro de Azevedo	
E se o mundo acabasse?	21
Jaqueline Alves de Assis	
“Maluco Beleza” e o jogo de futebol	23
Jeferson Camilo Assunção	
O olhar do menino Esmeraldo	25
Karine Alice da Silva	
Adolescente e drogas	26
Leonardo Cassiano Lustosa Marques	
Maluco Beleza na eleição	28
Loyes Lenne Dias da Silva	
Uma sexta-feira treze muito louca	30
Lucas Farias de Mesquita	
“Maluco Beleza” morreu?	32
Manuelina Reis e Silva	
Cilada Virtual	34
Miriã de Almeida Soares Vieira	
A liberdade do amor	36

Rafaela Lima Nascimento	
Entre Bares e Prosas	38
Rafaela Matos Rodrigues de Araújo	
O mundo vai acabar?	40
Riqueli Maria Pereira da Silva	
Dentinho realiza seu sonho	42
Sandro Eurico Nunes dos Santos	
A Vida do Dentinho	44
Tauany Louveira Marim	
Pai é um Amor	45
Thaís Pessanha Felix	
Finalmente um gol	47
Thalia Marques da Costa	
Um homem estritamente profissional	49
Thayná de Paula Pereira	
E se a natureza entrasse em colapso?	51
Victória Tamasia Maes	
O amor muda tudo	53
Vitor Araújo Silva	
O Jogo	54
Vitória Assis Rejano	
Izildinha e seu Ladir	56
Laé de Souza	
Sou escritor.....	57
Laé de Souza	
É difícil?.....	60

Minha nova doméstica

Laé de Souza

No primeiro dia, ela chegou com uma sacola que informou serem seus equipamentos de trabalho. Preferia ter os seus, pois quando saísse do emprego poderia levar sem dar satisfação. Achei estranho, mas tenho por hábito não interferir nas contratações feitas por minha mulher, para que depois não sobre para mim.

Depois que minha mulher lhe apresentou a casa e onde estavam as coisas, ela iniciou o trabalho. Quase uma hora depois, o Juca, meu filho mais novo, veio do quintal em disparada, chorando e gritando: Mãe, tem um ET, um monstro no quintal. – Não se sabia se acudia o menino, ou fechava a porta da cozinha ou se arriscava a dar uma olhada. Por fim, minha mulher socorreu o garoto e me intimou a ver o que era. Pois bem, quase que eu também saía correndo. A mulher estava com uma máscara, protetor auricular, luvas até o ombro, botas de borracha e uma torquês com a qual pegava as roupas para colocar na máquina de lavar.

Meio ressabiado questionei: A senhora não viu o garoto chorando? – ela respondeu: Não estou ouvindo, fale mais alto.

- Não, melhor a senhora tirar o protetor auricular? – Falei e fiz sinal. Por fim, ela tirou o tal protetor e falou um “pois, não” sem dar muita importância. Eu perguntei o que estava acontecendo, ao que ela respondeu: - Primeiro que não lhe devo satisfação, pois não foi o senhor quem me contratou, mas por questão de educação... acontecendo o quê? Não sei do que o senhor está falando. – Eu vendo que a mulher não era de brincadeira, procurei ir com tato. – É que o menino se assustou com a senhora desse jeito aí....

- Ah, é o seguinte – disse ela – Esses equipamentos é para

não prejudicar vocês, nem eu. Como tenho problema de alergia, uso as luvas e tem que ter um forro por dentro, olha aqui – e me mostrava – senão, se cair um sabão, uma gota que seja me empipoca toda. Essa máscara, se eu a tirar – tirava só pra falar e voltava com ela no nariz e na boca – e respirar, diretamente, esse cheiro de cândida, ainda mais em lugar apertado igual esse, espirro direto e me ataca a bronquite. Esse tampão, no ouvido, é para não ter problemas com esse barulho da máquina de lavar. Dá-me uma agonia esse toc toc, que o senhor nem imagina. A bota é para não escorregar. Vocês têm a mania de por um piso no chão que é uma beleza de se olhar, mas é um perigo. A gente que pega no duro é que sabe o quanto é arriscado. Essa bota, aqui, prende e não me deixa escorregar. Esse alicate grande, aqui, – e mostrava a torquês – é para não ter perigo de transmissão de qualquer porcariada, pegando nessas roupas sujas. Quer saber mais alguma coisa, meu senhor? – e me olhava de cima para baixo. – Qualquer coisa manda a patroa falar comigo que eu explico.



MÃE, UM ET!!

CALMA, FILHO.
É SÓ A NOVA
EMPREGADA.

Minha mulher me questionou e eu a informei, com naturalidade, que o garoto estava vendo assombração à toa. No fundo, ele apenas tinha visto uma profissional uniformizada, adequadamente, para enfrentar a rotina de seu trabalho.

Intuição – Parte 2

Autora: Amanda de Camargo dos Santos - 14 anos

Professora: Simone Loner

Escola: E.E. Sérgio Milliet da Costa e Silva

Cidade: Santo André - SP

Quando tudo começa a dar errado, é porque algo de ruim vai acontecer. Sabe aquelas pessoas que são assaltadas, frequentemente, ou que saem à rua e levam um tombo e pagam o maior mico?

Pois é, eu tenho certeza de que elas receberam um “sinal” indicando que as coisas sairiam erradas, mas não acreditaram, até porque para esse tipo de pessoa isso não passa de besteira; porém, aposto que na situação do tombo eles pensaram: “Eu não deveria ter colocado esse sapato, por isso, não achava as peças de roupa que combinavam e nem o outro pé do sapato”.

Acho que isso foi um sinal. Ou, então, quando a pessoa é assaltada e acredita que não deveria ter feito aquele caminho. E pensam: “Por isso que quando dei o sinal para o ônibus parar, ele não ia parar. Ou, então, quando eu ia descer do ônibus ele não parou no ponto que eu ia descer, parou no próximo. Eu deveria ter ouvido o sinal”.

E depois de tudo o que as pessoas passam, elas ainda ficam falando que é tudo besteira, que isso não existe. Mas, ainda bem que tem gente que acredita. E que além de receber os sinais, tem intuição, essas sim são pessoas sortudas.

Maluco Beleza

Autora: Ana Kathleen da Silva - 13 anos

Professora: Maria da Penha C. Mendonça

Escola: E.E. Humberto de Campos

Cidade: Sorocaba – SP

Eu, Lady Ana, estava andando, casualmente, em uma rua, quando vi aquele cara de óculos, hippie e barbicha de bode e cabelo desgrenhado... Puxa vida, foi amor à primeira vista. Seu nome era Ciro, mas ele fazia questão que eu o chamasse de ‘Maluco Beleza’ e, para falar a verdade, eu também fazia.

Em um desses passeios matinais, estávamos conversando, quando ele fez o comentário que tinha mania de colocar apelidos nas pessoas, não era bem uma mania, mas via como uma virtude, e eu já tinha até um apelido, era “Megera Domada”, dá para acreditar?

Na verdade, Shakespeare não ficaria nada feliz de ver o nome de sua querida Catarina me intitulado. Mas, ele, que não era pessoa de dar ponto sem nó, era o meu domador Petrúchio. Mas, chega de tinta jogada fora, vamos direto ao ponto que interessa.

Então, “Maluco Beleza” me pediu em casamento, e eu aceitei, é claro. No dia do casamento, o mais engraçado é que nem o padre escapou, ele levou a alcunha de Carequinha da Cruz. Credo, coitado! E não foi só ele, todo mundo que estava presente já tinha apelido como: Concha, Bola oito mil, Fominha, Cara-de-culpado, Colher de festa e assim vai, caro leitor, leitão.

Portanto, cada maluco tem sua beleza, beleza ele não tem lá muita coisa, mas maluquice é que não falta!

Zé Pinguinha vai para o céu

Autora: Brenda Karla de Campos - 13 anos

Professora: Gilvânia Pita Alves Moreira

Escola: Escola Municipal Cristo Rei

Cidade: Corinto - MG

Depois da morte de Zé, foi um alvoroço só. Ficaram três dias de luto. O Magrão ficou sem abrir seu bar, a mãe de Zé sem ir à igreja... Mas, depois de uma semana, tudo já havia voltado ao normal, porém, o Zé jamais seria esquecido.

Ao chegar ao céu, Zé fica boquiaberto com tudo que presencia, com as pessoas que viu, anjos arrumando as nuvens, varrendo o céu, São Pedro e Jesus batendo o maior papo sobre a temperatura do dia seguinte...

Então, Zé Pinguinha chegou perto do senhor Jesus e disse: “Com licença! Quero falar com Deus”.

Jesus, sorridente, encaminha-o até o trono onde se encontrava o Todo Poderoso. Para isso, teria que passar pela portaria 5. Nisso, as portas se abrem e luzes fortes iluminaram o rosto do assustado Zé, que entrou. Chegando lá, Zé disse: “Meu Senhor, aqui estou. Sei que não fiz jus a esse lugar, pois minha paixão era a pinga e a bebedeira sem limites. Infelizmente, não possuo nada de bom para dizer ao Senhor!”

Nisso, Deus olha, demoradamente, e diz: “Você não pagava sua conta por falta de dinheiro, bebia para esquecer seus problemas e não ia à igreja porque não me reconhecia. Porém, você tem um dom de fazer todos ao seu redor rirem”.

E eu, por tal motivo, concedo-lhe outra chance lá embaixo. Você deverá voltar para a Terra e consertar tudo aquilo que você fez de errado.

Zé aceitou o acordo: “Mas, deveria obedecer a condição. Se ele persistisse nos erros da vida passada, iria direto para o inferno, sem escala”.

Assim, Zé chegou a Terra e voltou para seu corpo. Todos ficaram impressionados com a sua volta. Ele não se lembrava do acordo. Pensa que tudo era um sonho.

Novamente, cometeu os mesmos erros. No entanto, dessa vez, ele foi para o inferno. Chegando ao inferno, um lugar quente e sujo, foi logo vendo o destruidor. Assim, chegou perto dele e disse: “O pão que o diabo amassa é bem popular. Tem como amassar uma cana também?”

Minha primeira vez

Autor: Bruno Eduardo da Silva - 15 anos

Professora: Lizete Maria Pergher Dala Costa

Escola: Colégio Estadual Tancredo Neves

Cidade: São João - PR

Certo dia, meus pais falaram que iríamos viajar para o litoral de Santa Catarina. Iríamos a Joinville, visitar meus tios. Todo o ano fazíamos essa viagem, mas eu estava sentindo que, desta vez, seria diferente. Quando chegou o grande dia, partimos bem cedo, em torno de 5h da manhã. A viagem foi tranquila, apesar de ter sido cansativo ficar sentado dentro do carro, por mais de 6 horas.

Chegando à entrada da cidade, nós não sabíamos para onde ir. A cidade era grande e meu pai ainda não tinha decorado o caminho. Então, ligou para meus tios, que vieram nos buscar em determinado local. Assim, não nos perderíamos no meio da cidade. Quando chegamos à casa dos meus tios, descansamos um pouco.

Passamos a noite e, no dia seguinte, fomos fazer um passeio para conhecer melhor a cidade. Decidiram, então, ir passear em outra cidade que ficava perto de Joinville.

Na verdade, eu não sabia o nome da cidade vizinha nem o que iríamos fazer lá, só senti que lá iria acontecer ou eu iria ver uma coisa praticamente inesquecível para mim. Iríamos, no mesmo dia, mas o carro do meu tio apresentou um defeito. Não era coisa séria; mas, por causa disso, teríamos que deixar o passeio para o outro dia. Passamos a noite tranquila e, logo cedo, partimos para “a grande aventura”.

Eu ainda estava com um pressentimento bom, mas não dei muita bola. Depois de um tempo, achei que seria apenas

loucura minha. Chegando lá, encontrei o fruto de meu pressentimento. Ela era linda, imponente e graciosa ao mesmo tempo. Eu logo quis chegar perto, senti-la e “brincar” com ela. Meus pais logo falaram que era a minha primeira vez, que eu não era experiente, por isso deveria me proteger.

Ouvi todos os conselhos e, mesmo com uma imensa ansiedade, aproximei-me tranquilamente. Quando cheguei mais perto, comecei a sentir cheiro irresistível. Logo, familiarizei-me com o jeito difícil dela, fiquei curtindo o seu movimento, que parecia ser ensaiado.

Quando começamos a “brincar”, foi um momento mágico. Eu nunca havia sentido aquela sensação antes. Errei algumas vezes, mas ela não dava bola, continuava a fazer seus movimentos perfeitos, sempre alegre e perigosa.

Quando tudo acabou, eu estava exausto. Fiquei pensando quando repetiria aquilo novamente. Notei que foi bom ter escutado meus pais, pois se não tivesse me protegido, o resultado de toda aquela “brincadeira” não seria nada bom.

Voltando para casa, pegamos um trânsito horrível, mesmo assim, eu estava feliz. Ficava somente pensando naquela inesquecível aventura. Foi a primeira vez que fui à praia e brinquei na água do mar.

O velório do Zé Pinguinha

Autora: Daniela dos Reis Oliveira – 11 anos

Professora: Deuslene Batista P. Deus

Escola: E.M Vicentina de Abreu Silva

Cidade: Lavras - MG

Zé Pinguinha foi ao bar do Magrão e, quando os relógios marcaram 20 horas, ele tomou o último gole de cachaça e foi para casa. No caminho, ele tropeçou e desmaiou.

Quando um amigo de Zé Pinguinha passou pela estrada e o viu caído, pensou:

- Zé Pinguinha morreu! E, agora, como eu vou dar a notícia para a família dele?

Assim, ele pegou o Zé Pinguinha e o colocou nas costas e o levou para a casa de sua esposa e seus filhos. Lá, ele contou para a mulher do Zé o que aconteceu; então, ela pediu que chamassem os amigos para o velório.

Naquela época, os mortos eram velados em suas próprias casas. Os filhos, tristes, choravam e a mulher do Zé foi até o fogão para fazer café para o povo. Alguns, estavam chorando, outros comendo e outros contando casos do Zé Pinguinha.

A mulher do Zé, coitada, não tinha nem como chegar perto do caixão, pois sempre aparecia um faminto querendo comer. Quando todos menos esperavam, o Zé Pinguinha acorda do desmaio e sentou-se no caixão.

Nisso, todos se assustaram e saíram correndo, alguns pularam a janela, outros, no susto, arrombaram a porta e

outros ainda aproveitaram e levaram a comida.

Então, Zé Pinguinha disse para sua família:

- Uai! Eu não sou fantasma para ninguém correr de mim.

Sua mulher diz:

- Será que não é mesmo?

Zé Pinguinha confuso respondeu:

- Eu já sei o que aconteceu aqui. É que teve festa e ninguém me convidou, agora, eu entendi.

Bailão da terceira idade

Autora: Gabriela Games Dalessi – 13 anos

Professora: Gisele Silveira Silva Rodrigues

Escola: E.E. José Abrão Melhem

Cidade: Américo de Campos – SP

Tudo começou quando Dunga voltava do seu geriatra, o Dr. Euclides (um pouco mais velho que ele), e descobre por uns exames que tem poucos meses de vida.

Dunga pensou consigo mesmo: “já que estou nesta situação, melhor eu deixar de ser rabugento e curtir o tempo que me resta”. Em uma bela noite de verão, ele mesmo resolveu que, no próximo dia, logo de manhãzinha, iria para o centro para fazer umas comprinhas e dar um trato no visual, gastar todo o dinheiro que guardou todos esses anos e se divertir, começando pelo ‘Bailão da Terceira Idade’.

Como ele não havia contado a ninguém de sua doença, sua mulher estava espantada e decidiu acompanhá-lo. Chegando lá, ele ainda estava tímido; mas, depois entrou no clima de festa, soltou-se todo e esqueceu seus problemas. Lá pelas tantas, seu Dunga recebeu um telefonema, era seu médico, o Dr. Euclides, dizendo, desesperadamente, que havia trocado os exames e que ele estava com a saúde ótima.

Como seu Dunga estava se divertindo muito e se sentindo bem com a mudança, resolveu comemorar e sempre frequentar o Bailão da Terceira Idade

E se o mundo acabasse?

Autora: Jacqueline Castro de Azevedo - 14 anos

Professora: Patrícia Daniela Martins Ramos

Escola: Escola Municipal Bataillard

Cidade: Petrópolis - RJ

Há algum tempo, um homem muito famoso e conhecido, anunciou em uma reportagem que o mundo iria acabar e que todos deveriam se preparar e aproveitar os últimos dias.

Todos ficaram horrorizados, mas seguiram o conselho. Esmeraldo, o garçom, abandonou o emprego no restaurante e foi para a casa de praia; Já a doméstica Luandécia disse tudo o que queria para sua patroa: que o salário era pouco, que ela não queria cuidar do cachorro nem limpar a sujeirada que as visitas faziam. Assim, deixou a patroa e foi embora.

O desajeitado ‘Maluco Beleza’ colocou apelido em todos que jamais colocara antes, até no novo emprego ele apelidou o patrão. Além disso, o sisudo Orlei, que era tido como um homem sério, bebeu tanto que começou a gritar: “Eu sou Jesus Cristo e já voltei! Minha descida à Terra salvará todos”;

Dentinho percebeu que não seria jogador de futebol, antes do fim do mundo, assim, foi para casa e ficou assistindo o jogo pela TV e gritando sem parar: “tira o dez, ele não sabe jogar!”

Por seu turno, Dunga fez diferente e, subitamente, começou a cantar, mostrando seu talento que afinal nem tinha. Seu Agildo decidiu se juntar ao seu filho e tomou coragem de também optar pela arte; já Perneta avariando, apostou em uma última corrida,

na São Silvestre, e venceu. Não podemos nos esquecer de Anacleto, que abandonou sua fama de exemplo de homem, fugindo com várias mulheres e surpreendeu a todas. Mas, no fundo, foi tudo em vão! O mundo não acabou e todos tiveram que voltar a sua vida normal.

Assim, houve muitas brigas e uma tremenda confusão. Foi uma verdadeira loucura! Apenas um dos personagens dessa loucura não se salvou. Ele foi parar no hospital, mas a enfermeira não achou a veia fúgitiva. Então, não teve jeito: morreu o Zé Pinguinha.

Já o autor desse falso “fim” do mundo ficou completamente louco, coitado! Todos ficaram contra ele. Ainda, até hoje, você pode encontrá-lo caminhando pelas ruas, completamente nu, e dizendo: E se o mundo acabasse?

“Maluco Beleza” e o jogo de futebol

Autora: Jaqueline Alves de Assis – 12 anos

Professora: Patrícia de Souza

Escola: E.E. Maurício Zákbia

Cidade: Ijaci – MG

“Maluco Beleza” é o apelido do amigo de Gilberto. Ele não bate muito bem da cabeça; mas, em compensação, é um grande jogador de futebol, pelo menos foi o que ouvi falar.

Então, levei o cara até o campinho perto da minha casa para ver se ele era bom mesmo, e até que ele leva jeito. Assim, resolvi chamá-lo para entrar no time no qual joga.

Ele aceitou e, nisso, começamos a treinar para um jogo que estava para acontecer em breve. Todo mundo elogiava o “Maluco Beleza” pelas suas jogadas impressionantes. Assim, chegou, então, o grande dia, todos estavam nervosos e preocupados com qual seria o resultado da partida. Só mesmo o técnico para nos acalmar.

Então, entramos em campo, “Maluco Beleza” estava atuando como centro avante do time; mas, algo de estranho estava acontecendo, o “Maluco” estava jogando super mal, errava todos os passes e voltava caindo, sem mesmo alguém relar nele.

Fim do primeiro tempo. Fomos para o vestiário e, sentindo-se muito mal, ele, lá, sentado, de cabeça baixa e meio triste. Então, resolvi falar com ele. Perguntei o que estava acontecendo e ele me respondeu que era desde criança que aconteciam essas coisas; na escola sabia tudo, mas na hora da

prova, errava as questões, a única coisa que acertava era o nome.

Falou, também, que foi assim que pegou o apelido de “Maluco Beleza” entre os amigos e parentes. Fiquei com pena dele.

Começou o segundo tempo e voltamos aos gramados com a esperança de reverter à situação, mas o jogo estava muito difícil. Pelo menos estava empatado.

Faltando um minuto para acabar a partida, uma coisa inacreditável aconteceu, Paulo mandou a bola direto para o gol.

Depois desse incrível gol, o juiz apitou o final do jogo. Assim, após esse jogo, inventei uma frase que nunca vou me esquecer: “o esforço chama sempre pelos melhores”.

O Olhar do menino Esmeraldo

Autor: Jeferson Camilo Assunção – 18 anos

Professora: Tânia Maria Mandial Rosa

Escola: Escola de Educação Básica São José

Cidade: Herval D'Oeste – SC

Esmeraldo é um menino que tem deficiência visual, ele enxerga só vultos. Com 8 anos, Esmeraldo e seu pai foram ao oftalmologista, na cidade de Curitiba, onde disseram que era para esperar até os 18 anos de idade para fazer uma cirurgia de descolamento da retina.

Agora, já com 18 anos de idade, Esmeraldo e seu pai voltaram ao oftalmologista para fazer a cirurgia, mas ele encaminhou para Joinvile. Esmeraldo e seu pai foram, no dia 3 de maio, para fazer uma avaliação médica.

Esmeraldo fez um ultrassom no olho direito. Após o exame, feito eles voltaram para casa com a esperança de voltar a enxergar. No dia 20 de junho, foi marcado o retorno.

Chegando à cidade de Joinvile, às 13 horas, e o dia estava lindo e com muita esperança no coração. Chegou a grande hora de Esmeraldo. O médico verificou os exames. Mas, o doutor olhou, olhou e começou a explicar que o caso não tinha o que fazer e que a cirurgia não resolvia.

Esmeraldo e seu pai ficaram tristes com a notícia. Mas, Esmeraldo tem esperança de que um dia volte a enxergar as árvores, o sol, as pessoas e simplesmente tudo o que rodeia.

Nota: O texto foi escrito, originalmente, em braile pelo aluno, com deficiência visual.

Adolescente e drogas

Autora: Karine Alice da Silva – 14 anos

Professora: Claudiana Maria da S. Lima

Escola: E. M. José Batista de Sousa

Cidade: Vertente do Lério – PE

Kayke era um adolescente como outro qualquer, tinha apenas uma diferença, estava se envolvendo com drogas. No começo, Kayke conseguiu esconder esse fato da sua família. Mas, não foi por muito tempo, logo seus pais perceberam que os seus hábitos alimentares tinham mudado. Ele saía de casa sem hora para voltar, perdeu vários amigos e acabou o namoro. Enfim, sua vida estava sendo destruída aos poucos. O seu mundo era o das drogas.

Kayke chegou ao ponto de agredir os seus pais; depois desse dia, tentaram, interná-lo; mas, não deu certo, na verdade, nada estava dando certo.

Kayke perdeu o controle de tudo e começou a vender os bens da sua mãe para conseguir comprar mais drogas. Amigos que restaram, familiares, todos tentaram ajudar, mas tudo era em vão.

Até que um dia, sua mãe tomou uma atitude definitiva e resolveu interná-lo por um bom tempo. Passado o período de internação, Kayke voltou para sua casa, e não parou de fazer tratamento, reatou o namoro e os amigos voltaram.

Assim, Kayke percebeu que o melhor caminho não era o mais fácil; entendeu que devemos conseguir o que queremos, mas sem nos esquecermos de que muitas coisas que parecem fáceis, na verdade, não são as melhores.

Muitos adolescentes, hoje em dia, envolvem-se ou já se envolveram com drogas. No fundo, essa é uma viagem sem

volta, porque as famílias são destruídas e as boas amizades se acabam. Mas, não é difícil encontrarmos pessoas envolvidas com o mundo das drogas.

Tendo em vista tal fato, devemos abraçar a realidade e não nos envolvermos com drogas, esse não é o melhor caminho.

“Maluco Beleza” na eleição

Autor: Leonardo Cassiano Lustosa Marques – 12 anos

Professora: Celina da Costa Santos Freitas

Escola: Colégio Estadual Douradina - EFM

Cidade: Douradina - PR

No início da campanha para vereador de Divinópolis-MG, “Maluco Beleza” se candidatou. Estava animado para a eleição, e como sempre, colocando apelidos nas pessoas; dessa vez, na oposição, ele dizia a todos:

- Não votem nos porcos velhos, vote 28, vote em uma pessoa qualificada, eu “Maluco Beleza”.

No dia seguinte, havia um comício e o “Maluco Beleza” disse na praça:

- Votem em mim! Você aí Penélope 4 vai votar em quem?

- Em você que não é. Não gosto que fique colocando apelidos nas pessoas.

- Não leve a sério, esse é o melhor jeito de me aproximar das pessoas. Não deixe de votar em mim por esse motivo.

- É verdade que muitos mudam, ficam bons na eleição e, depois, as máscaras caem, mas gostei muito das promessas da oposição.

- Eles só prometem, eu não. Eu digo minhas propostas! E uma delas é acabar com o Bullyng em nossa cidade!

- Como acabar com o Bullyng se você é o que mais pratica!

O “Maluco Beleza” ficou sem graça e aprendeu a lição. Deixou de colocar apelidos nas pessoas.

Há outras maneiras de aproximar-se dos eleitores. Enfim, o dia da votação chegou. E o locutor da rádio local revelava o resultado tão esperado.

- Luan Silva: 70 votos.
- Carlos Barbosa: 99 votos.
- Frederico Cardoso: 120 votos.
- “Maluco Beleza” ...

Ah! Não vou dizer os votos dele, hoje, mas na minha próxima crônica:

“Maluco Beleza, eleição 2”.

Uma sexta-feira treze muito louca

Autora: Loyes Lenne Dias da Silva - 16 anos

Professora: Maria José Ferreira Leite

Escola: E. E. Jordina Amaral Arruda

Cidade: Sorocaba – SP

Medo de agulha não é algo para se envergonhar. Nesse mundo, sempre haverá algo que nos dará medo e, também, sei que, quando somos jovens, sempre vamos querer ser o centro das atenções.

Por exemplo, é só ficar com uma febre que correm para o hospital, onde se aventuram nas salas das agulhas, para que no outro dia possam contar aos amigos como foi a visita ao médico. “Puxa, tinha que ver o tamanho da agulha, parecia um prego de tão grossa”. E por aí vai. Confesso que já fiz isso muito na vida. E aposto que você, caro leitor também já fez, mas tudo bem se não quiser admitir, eu entendo.

Mas graças às mentirinhas, hoje, sou médica. Atendo a todo tipo de paciente. Sou encarregada das injeções. Esqueci-me de dizer meu nome, sou a Dra. Izildinha. O mais divertido do meu trabalho é na hora de aplicar as tais das injeções. Assim que eu me aproximo dos pacientes com a seringa, os coitados ficam pálidos e trêmulos. Assim que eu me viro, por um segundo, eles saem correndo, antes mesmo de tomar a injeção. Isso é hilário!

Acredito que eu tenho o dom para achar veias fujonas. O maior trauma da minha vida aconteceu no hospital em que

trabalho, justo numa sexta-feira treze, mês de maio.

As sextas-feiras treze são consideradas dias maus, com cultos, deuses pagãos e seitas de magia negra. Depois do meu turno, saí com alguns amigos para uma churrascada, acabei exagerando na bebida, e fui parar no hospital. Justo no hospital em que trabalho. Tinha que tomar soro, já que havia vomitado até minha alma, mas quando vi a enfermeira se aproximar de mim com aquela seringa descobri: “Tenho medo de agulhas”.

Então, perdi a consciência e, quando voltei a acordar, estava sobre uma maca, em um corredor sombrio com muita neblina e grandes janelas. Olhei em volta e vi que estava no meio de um lago com árvores sobre ele.

Como isso era possível? De repente, me vi cercada por enfermeiras com seringas da grossura do meu braço, tentei fugir, juro que tentei. Mas, o suporte de soro que ao qual estava presa, veio junto; de alguma forma, estava presa por uma força sobrenatural. Fechei os olhos, porque como diz o ditado: “O que os olhos não vê, o coração não sente”. Mas, no meu caso é o que meu corpo não sente.

Abri meus olhos e vi que havia voltado à realidade. Do meu lado estava um médico bonitão; mas, quando o vi se aproximar de mim com uma seringa, pulei da maca e sai correndo.

Ele era bonitão, mas nem tanto assim para me furar. Ainda sou médica, adoro furar os outros e ver o horror no rosto deles. Mas, após o incidente, no hospital, ganhei o apelido de Izildinha, a fugitiva. Descobri que odeio sexta-fera treze, e odeio ainda mais agulhas. Porém, simplesmente amo ser médica, o hospital é o meu segundo lar.

“Maluco Beleza” morreu?

Autor: Lucas Farias de Mesquita – 14 anos

Professora: Viviane Coser M. Rodrigues

Escola: E.E. Dulce Esmeralda Basile Ferreira

Cidade: Sorocaba – SP

Os boatos rolavam soltos: “Maluco Beleza” morreu e todos se perguntavam, onde será que estava aquele infeliz? Mas, lá estava ele, no céu, não acreditava e já chegou falando que o lugar era estranho; mas, apesar disso, até que alegre.

Logo, chegou um anjo dizendo que apesar de ter sido atentado, ele tinha um bom coração e merecia estar ali.

- Onde estou? Você está louco, miojinho?

- Miojinho? Por quê?

- Esse seu cabelinho aí enroladinho ou seria couve-flor?

- Ai, Ciro, você e seus apelidos malucos! Vou te avisar, é melhor parar com essa mania, senão você vai mudar de chefe!

- Como, assim, mudar de chefe? Você disse que eu merecia estar aqui!

- Sim, venha, este é o paraíso.

Mas, o “Maluco Beleza”, a cada anjo que via, logo apelidava: Vermelhinho, Microfone, Batatão... Até que ele deu um apelido ao arcanjo superior e muito severo. Isso foi a gota d’água.

O arcanjo disse que ele já tinha passado dos limites, que estava provocando fúria, também, em outros anjos; mas, Ciro não estava nem aí.

Nisso o arcanjo levou Ciro até a presença de Deus.

- Ciro, você passou dos limites, não tenho outra escolha, você vai dar apelidos a outros anjos, agora!

- O quê? Outros anjos, agora!

Ciro caiu num lugar escuro, ouvia muitos gritos, não estava vendo nada, até que se aproximou de um fogo incandescente e viu a figura de Lúcifer. Assim, Ciro foi dizendo:

- E aí chifrudinho, espere aí! Ah! É... é você? Socorro! E foi, assim, apesar de ser alegre e engraçado, ficou eternamente no inferno.

Cilada Virtual

Autora: Manuelina Reis e Silva – 14 anos

Professora: Andréia Pereira Flores

Escola: Colégio Municipal Alcides Cordeiro

Cidade: Condeúba – BA

Edilene e Soninha eram super amigas. Certa vez, as duas resolveram passar as férias juntas. Curtiram a beça. Após o término das férias, cada uma voltou para sua rotina diária. Edilene voltou a trabalhar e estudar e a Soninha, por sua vez, a trabalhar. Com o tempo, Soninha notou que a amiga havia se distanciado um pouco dela e resolveu passar um e-mail.

A amiga, então, respondeu: Querida amiga, ultimamente minha vida mudou muito. Encontrei o amor da minha vida e não tenho tempo para quase nada. Logo irei conhecê-lo, pois ainda não o conheço pessoalmente, apenas por foto. Ele é lindo. Assim que possível marcaremos um encontro para por o papo em dia.

Soninha ficou apavorada com a atitude da amiga e resolveu investigar o que estava acontecendo. No dia seguinte, foi até a casa dela. Ficaram horas conversando. Edilene disse que tinha marcado um encontro com o namorado virtual no domingo no shopping. A amiga escutou e, logo em seguida, disse:

- Edilene, você tem que tomar cuidado com esse namoro virtual, é uma foto apenas que você viu. Pode ser que não seja tudo verdade o que ele diz para você.

Edilene se irritou com os comentários da amiga e, então, falou:

- Você está com inveja.

As duas acabaram discutindo e Soninha saiu chateada. No entanto, ela não se conformou com a situação e resolveu

investigar. No domingo, ela resolveu ir ao shopping para ver como seria o desfecho da situação.

Na hora marcada lá, estava Edilene e o namorado, mas Soninha notou algo estranho. Viu que ele a segurava fortemente pelo braço e, então, resolveu agir. Chamou os policiais que estavam por lá, que agiram rapidamente. Logo, chegaram lá e notaram que se tratava de um maníaco sexual. Os policiais o prenderam, porém, Edilene ficou apavorada.

Abraçou a amiga e pediu enormes desculpas. Depois desse episódio, Edilene compreendeu que as redes sociais têm suas vantagens, mas também desvantagens. Assim, tudo depende de que forma e com qual intenção cada um utiliza essa importante ferramenta de comunicação do mundo moderno.

A liberdade do amor

Autora: Miriã de Almeida Soares Vieira – 13 anos

Professora: Adriana Eloisa Gabriel

Escola: E.E. Prof. Luiz Gonzaga de Camargo Fleury

Cidade: Sorocaba – SP

Seu Geraldino, depois de tanto tempo sozinho, já estava se acostumando, mesmo seus filhos achando que a vida a dois seria melhor para ele. Mas, ele não pensava em ter uma pessoa. Pensava: “estou bem assim”, tanto que adorava sua rotina, acordar cedo sem ninguém para lhe perturbar e ir todo dia tomar café na padaria da esquina. Arrumar uma nova companheira parecia um dilema para ele.

No seu modo de ver, tudo estava perfeito. Porém, em uma bela manhã de segunda-feira, seu Geraldino foi à padaria e reparou em uma senhora de cabelos brancos, com a pele clara e os olhos azuis. Quando a viu, logo sentiu um interesse, levantou-se e foi sentar com ela.

Depois da conversa, ela se foi, Geraldino continuava encantado, descobriu que ela se chamava Rosalina, viúva e tinha três filhos, que moravam no exterior.

Geraldino contou sobre ela aos seus filhos, que é claro adoraram a ideia de ele ter conhecido uma pessoa que tanto o agradou.

Agora que ele não saía mais da padaria, eles se encontravam toda manhã. Sorrisos e conversas, era o que não faltavam, resolveram se conhecer melhor.

Depois de um mês, já estavam namorando; logo em seguida, resolveram se casar. Na idade deles não se podia esperar tanto tempo.

O casamento foi perfeito, dona Rosalina estava linda como

sempre e seu Geraldino encantado. Agora, ele vive uma fase nova em sua vida e percebeu o quanto é bom acordar com uma pessoa ao seu lado.

Entre Bares e Prosas

Autora: Rafaela Lima Nascimento - 14 anos

Professora: Joslaine Dias de Carvalho Sançon

Escola: CE Sesi 126 – Vila Barão

Cidade: Sorocaba - SP

Orlei, caminhando pela rua, depois de uma longa noite no bar, encontra-se com Esmeraldo:

- E ai Esmeraldo! Beleza?

- E... E você?

- Mas, o que aconteceu, amigão? Vamos me conte!

- Ah! Acabei de ser demitido do meu emprego, aquele de garçom!

- Mas, por quê?

- Puxa, fui concordar com um cliente e me dei mal, não me controlei e o cliente começou a reclamar das refeições servidas lá, e do estabelecimento mal estruturado.

- Puxa vida! Era melhor você ter ficado calado, nessas horas empregado não tem razão em nada!

- Pois é, Orlei! Mas, conte-me como vai sua mulher?

- Venha Esmeraldo, vamos ter uma prosa no bar!

- Pois bem, fale Orlei, ela continua te proibindo de beber?

- Rapaz, a Gracelinda me tira do sério, toda vez que estou no bar, ela vem gritando, fazendo o maior barraco, e me bate, aliás, bate em mim e, também, em quem tiver comigo, sem contar que cabo de vassoura dói!

- Nossa, Orlei, a Gracelinda ficou louca mesmo!

- Ela vem gritando, lá da esquina, parece um bicho, tudo isso só porque eu bebo um pouquinho, ela se transforma num demônio, ninguém prende a fera!

- Orlei!

- Fala Esmeraldo! Que foi?
- Corre!
- Por quê?
- Atrás de você!
- O quê? Ai, meu Deus!
- A... Gracelindaaaa...

O mundo vai acabar?

Autora: Rafaela Matos Rodrigues de Araújo – 13 anos

Professora: Luzilene de Pina Bandeira Soares

Escola: Colégio Municipal Pedro Luiz Bonfim

Cidade: Jaú do Tocantins - TO

Eu estava tranquila, assistindo à TV, até que passou um noticiário dizendo: O mundo vai acabar em 5 horas: nem liguei muito; pois, desde que o mundo existe, falam que ele vai acabar.

Fui lá fora e, então, vi todo mundo da minha cidade apavorado, com medo do fim do mundo. Quando vi um amigo, o Juliano, falei ‘oi’ e ele disse: “Desculpe, mas não tenho tempo, agora, o mundo vai acabar.”

Fiquei assustada, “será mesmo”? O mundo vai acabar? Pensei. Tinha um vizinho muito rico, a casa dele era uma mansão, mas a vendeu por um preço de banana, e deu todo seu dinheiro para os pobres, ficou sem nada.

Fiquei com a boca aberta com tudo aquilo e, assim, perguntei: “Por que o senhor está dando todo seu dinheiro aos pobres?”

- Estou garantindo um lugar privilegiado no céu!

Passaram-se 3 horas, e as pessoas só naquele apavoramento, estavam vendendo até roupa do corpo. Pensei: “e se essa história for uma grande mentira?”

Assim foi... passaram-se as tais 5 horas fatídicas e nada! Passou mais um tempo de 10 horas e nada. Até que entra, no ar, um noticiário pela TV, anunciando: “O mundo não vai acabar, isso foi um erro do profeta”.

O povo ficou naquele alívio, o meu vizinho, o tal rico, ficou pobre e os pobres ficaram ricos. Esse vizinho quase teve um

infarto e gritou bem alto: “O profeta erra na profecia e eu fico pobre!”.

Moral da história: não podemos acreditar em tudo o que falam, principalmente na televisão, pois nem tudo é verdade. E só Deus sabe, de fato, o dia que o mundo vai acabar. Isso, só Deus sabe. E tenham certeza: rico ou pobre, todos irão para o mesmo lugar.

Dentinho realiza seu sonho

Autora: Riqueli Maria Pereira da Silva – 13 anos

Professora: Josimara Deamatis

Escola: E.E. Profª Wanda Costa Daher

Cidade: Sorocaba – SP

Dentinho é um garoto muito humilde. Ele passava o dia todo vendendo doces no semáforo. Um menino baixo, moreno, com uma roupa velha e toda suja, cara de sono e de solidão.

Esse era Dentinho, um garoto sonhador, que sonhava em ser rico para não ter que trabalhar em semáforo. Ele também sonhava com uma vida de famoso, sonhava em ter fãs no mundo todo. Até que um dia, ele cansou de sonhar e decidiu transformar o sonho em realidade.

Então, Dentinho decidiu entrar em uma escolinha de futebol e conseguiu. E logo, no primeiro dia, já se destacou entre os melhores jogadores. Assim, ele dava embaixadinha e driblava todos os garotos, fazendo muito sucesso com seus passes. Desse modo, seu treinador ficou muito surpreso, e disse para o garoto: “Dentinho, você realmente tem talento”.

No dia seguinte, Dentinho foi trabalhar muito feliz. Depois do trabalho, ele foi direto para o treino de futebol. E, ao chegar lá, o treinador disse que Dentinho foi um dos escolhidos para participar de um torneio de futebol em outra cidade, e iriam continuar jogando em outras cidades e até mesmo fora do Brasil.

Hoje em dia, Dentinho é famoso, se tornou um dos melhores jogadores do mundo e, também, ajuda sua família. Assim, Dentinho é a prova de que tudo é possível, basta você acreditar que é capaz!

A Vida do Dentinho

Autor: Sandro Eurico Nunes dos Santos – 15 anos

Professora: Marilza de L. Thomazini Stinguel

Escola: EMEIEF. Pedro Thomazini

Cidade: Itaguaçu - ES

Dentinho nasceu no dia primeiro de dezembro de mil novecentos e cinco. Quando a sua mãe deu à luz, ela faleceu. Seu pai não queria nem saber dele. Assim, ele ficou com a vizinha, que era muito amiga da mãe da criança. A bela vizinha tratou-o como um filho, pois ela nunca pôde ter filhos.

Dentinho gostou muito. A mãe de consideração ensinou-o a ler com quatro anos de idade. Aos quatorze anos, ele terminou o ensino fundamental. Aos dezessete, o ensino médio.

Entrou na faculdade e a sua mãe de consideração disse que, se um dia tudo lhe parecesse perdido, que era para se lembrar que ele nasceu sem nada e que tudo que conseguiu foi através de esforços e os esforços nunca se perdem, somente dignificam as pessoas.

Dentinho, na faculdade, fez muitos amigos, um deles era o ‘Maluco Beleza’. Era seu amigo de coração. Este o apresentou a Luandécia, pela qual o Dentinho se apaixonou e a quem namorou na faculdade.

Logo depois de terminar o ensino superior, casaram-se e formaram uma família. Logo, a mãe adotiva o apoiou e lhe deu conselhos para sempre valorizar sua família, sua esposa e filhos. Dessa forma, Dentinho filho órfão, viveu a vida e não desistiu de seu sonho, sonhou alto, bem alto e conseguiu vencer na vida.

Pai é um Amor

Autora: Tauany Louveira Marim - 15 anos

Professora: Juliane Carnoski Berlato

Escola: Escola Estadual Castelo Branco

Cidade: Bela Vista - MS

No meu tempo de criança, todos me chamavam de cabelo de fogo.

Mas, não entendia o porquê. Tinha sempre uma pessoa que não ria de mim. Essa pessoa era meu pai, quando saíamos para lancha, passear no parque, festas de aniversário. Ele sempre estava lá.

Algumas vezes, quando me machucava, ele estava sempre lá cuidando de meus curativos. Meu pai é um amor não sei o que seria de mim sem ele na minha vida.

Mas, um dia ele adoeceu, quando estava viajando com minha mãe, ele começou a se sentir mal, falou para minha mãe: “não estou me sentindo muito bem!” Na verdade, quatro veias do estômago dele tinham se rompido. Minha mãe ficou desesperada. Ele foi parar no hospital e, logo depois, ele piorou e foi parar na CTI.

Minha Avó não queria me contar que meu pai estava internado no CTI. Quando minha mãe chegou, nós nos vimos, nos abraçamos e choramos. Porém, só depois de um mês, meu pai melhorou, fez endoscopia e, agora, está mais saudável como antes e, além disso, ele sempre me dá todo o apoio nos momentos que mais preciso.

Hoje, eu posso falar que ele é um guerreiro, um batalhador mesmo, é o melhor pai do mundo. Bom, não foi ele que me pôs no mundo, mas sim quem me ensinou o verdadeiro sentido do amor, do respeito.

Claro, quem me segurou pela mão, quando mais precisei, o amor verdadeiro vem do pai; mas, apesar de não ser meu pai genético e sim meu padrasto, sinto um amor imenso por você pai. Eu te amo pai! Pai, você é um amor.

Finalmente um gol

Autora: Thaís Pessanha Felix -14 anos

Professora: Elizabeth Vitória de Oliveira Costa Rezende

Escola: Colégio Estadual 10 de Maio

Cidade: Itaperuna - RJ

Depois do episódio “tira o dez” e do fracassado jogo de futebol, no trabalho, eu prometi a mim mesmo nunca mais colocar os pés em um gramado; mas, por surpresa do destino, tive outro encontro com a bola.

Estava sentado na poltrona lendo jornal, quando a porta se abriu e meu filho veio correndo ao meu encontro: “pai, vai acontecer um torneio de futebol, neste final de semana, no colégio! E eu nos inscrevi!”. Então, comentei: “Futebol?” Eu quase cai da poltrona! “Torneio de futebol, filho?”

- É pai: FU – TE – BOL!.

- Ah, sim! - Engoli em seco. E disparei: “É melhor não, filho! Ultimamente tenho sentido umas dores nas costas”. Nisso, coloquei a mão na coluna, para ver se ele acreditava.

- Ah! Não me faça pagar esse “mico” na frente da galera! E fez uma cara que eu tive que dizer SIM!

No dia do torneio, amanheci suando frio. O time do meu filho estava ganhando de três a um, dois gols feitos pelo “meu garoto” que, pelo jeito, não tinha carregado a minha genética futebolística!

Pronto! Agora, era vez dos pais! Entrei na guerra me borrando de medo! Não sei quando o jogo começou, só me dei conta, quando já estávamos nos últimos minutos do segundo tempo.

O placar marcava um a um, então, recebi um passe fenomenal, um dos jogadores do time adversário me

empurrou de frente, fui parar no chão, com as pernas para o ar! Logo, ouvi um companheiro gritando: “É de bicicleta, é de bicicleta!”

Até hoje não sei como consegui reverter o placar, mas nosso time venceu. E por minha causa! Ainda posso ver meu filho descendo as arquibancadas e me abraçando: “eu sabia pai! Eu sabia! O futebol está no sangue!”.

Um Homem Estritamente Profissional

Autora: Thalia Marques da Costa – 14 anos

Professora: Marlete dos Reis Asperti

Escola: E.E. Prof^a Isabel Rodrigues Galvão

Cidade: Sorocaba – SP

“Maluco Beleza” era seu apelido, mas não tinha nada de maluco, pelo contrário, era um homem que se dedicava somente ao trabalho. Num belo dia, resolveu fazer uma pesquisa sobre a sustentabilidade, em uma praça na cidade onde morava.

Assim, resolveu fazer essa pesquisa, porque pensou: “Numa cidade como essa, muito preservada e organizada, por que não ir a um dos pontos turísticos do município e saber o que cada pessoa pensa sobre a sustentabilidade e como elas ajudam a preservar o meio ambiente?”

Chegando lá, ele encontrou uma senhora de mais idade e perguntou: “Senhora, o que significa a palavra sustentabilidade?”

Nisso, a senhora respondeu: “Para mim, é achar um meio sustentável de preservar o meio ambiente e, com isso, ajudar e garantir o futuro das próximas gerações”.

Então, ele, impressionado, pensou: “Se todos pensassem assim, o mundo seria muito melhor”. Desse modo, agradeceu à senhora e disse: “Senhora, parabéns pela resposta. Foi um prazer conhecê-la, adorei seu jeito de pensar”.

Chegando a sua casa, ele resolveu que iria parar de ir ao

trabalho de carro, mas sim de bicicleta. Pensou: “pois ajudarei o meio ambiente e me ajudarei também”

Ele mudou totalmente seu jeito de pensar e resolveu que iria ajudar mais sua cidade e o meio ambiente, ao invés de pensar só em trabalhar.

E se a natureza entrasse em colapso?

Autora: Thayná de Paula Pereira - 13 anos

Professora: Rosângela Meira Oliveira

Escola: Colégio Municipal Alcides Cordeiro

Cidade: Condeúba – BA

E se o mundo acabasse? É fato que o excesso de consumo tem gerado uma devastação acima da capacidade do planeta. Não vai ter mães-de-santo que vão tentar dar jeito no caos que poderá acontecer com o planeta, se não houver uma mudança imediata no estilo de vida da humanidade.

Então, Juliano, o Pastor Queixada, Gumercindo, Chiquinho, Roberval e Manelão, após o choque que levaram com a notícia do fim do mundo, resolveram procurar um ambientalista para esclarecer a real situação do planeta, pois se o mundo fosse acabar mesmo, eles iriam mudar seus atos.

“Por que tantas catástrofes?”, perguntou Juliano. “O que podemos fazer?” Interrogou Manelão. “O mundo vai acabar?”, questionou o pastor Queixada, já preocupado com todos os aborrecimentos que sufocam a humanidade.

Então, ouviram do especialista: “De fato, isso é muito preocupante. A situação da natureza é alarmante porque, se for mantido o atual descontrole de consumo dos recursos naturais, acreditamos que seriam necessários outros planetas TERRA para atender a demanda mundial”

Ficaram imóveis, só ouvindo: “Portanto, a natureza está no seu limite suportável, não há tempo para a Terra repor os

recursos consumidos com tanta voracidade”, explicou o ambientalista. Dessa forma, todos refletiram: “O mundo não acabou, mas pode ter consequências terríveis se o homem não AGIR”.

O amor muda tudo

Autora: Victória Tamasia Maes – 12 anos

Professora: Aline Rodrigues Rothenburg

Escola: Escola Municipal de Educação Básica Educar

Cidade: Itapema – SC

Suas mãos estavam molhadas e geladas, seu coração queria saltar pela boca e, quando o seu olhar encontrou Sandra, teve a certeza de que estava apaixonado. Ela estava linda.

Geraldinho respirou fundo e decidiu falar com ela. Quando se aproximou, ela trocou olhares e sorriu; isso o deixou mais encorajado. De repente, um outro rapaz saiu na frente e tirou Sandra para dançar.

Mais uma vez Geraldinho foi vencido por sua timidez. Resolveu, então, ir embora, achando que não tinha chance nenhuma. Sentiu-se fraco e infeliz. Quando se aproximou da porta de saída pensou: “Esta é a nossa formatura, se eu não tiver coragem, hoje, corro o risco de não ver mais a querida Sandra, pois não estudaremos mais juntos”.

Então, na mesma hora, o medo que sentiu o fez buscar forças para voltar e expor seus sentimentos à amada. Ela ainda estava dançando com o outro rapaz, quando Geraldinho chegou, pediu licença e tomou Sandra em seus braços.

Nisso, a garota se surpreendeu com a atitude firme e forte de Geraldinho e sorriu. Aquele sorriso fez com que sua voz desabrochasse:

- Sandra, o meu medo de perdê-la foi maior que minha timidez. Eu amo você!

Ela não respondeu nada, apenas o beijou. Assim, esse ato foi melhor do que qualquer outra declaração.

O Jogo

Autor: Vitor Araújo Silva - 16 anos

Professora: Deusilene Vasconcelos Pereira

Escola: E.E. João Batista Soldé

Cidade: Jandira - SP

Harry era um menino muito feliz, tinha amigos e inimigos só que ele não sabia quem eram seus amigos de verdade e isso fez com que Harry perdesse todos seus amigos. Com o passar do tempo, a única amizade que Harry tinha eram as drogas.

Harry não aguentava mais aquela vida e pensou em se matar; mas, antes, ele andou por toda cidade como se fosse uma despedida, quando Harry terminou, ele procurou a ponte mais alta para se jogar.

No caminho, Harry achou um menino todo sujo, jogado no chão e triste. Então, Harry perguntou:

- O que aconteceu?

O menino respondeu:

- Senhor, a minha vida foi como um jogo de xadrez, eu estava indo tão bem, quando me deram um xeque mate.

Harry lembrou que a vida do menino era igual a sua, Harry pergunta novamente:

- Por que você não se matou? A minha vida é igual a sua e estou indo me matar.

Nisso, o menino fala:

- A única coisa diferente do jogo de xadrez e da vida é que o jogo pode acabar, mas, a vida continua.

Harry começou a chorar, abraçou o menino e falou:

- Você foi e sempre vai ser uma pessoa importante, na minha vida, quer ir morar comigo?

O menino, todo sorridente, responde:

- Sim, eu quero morar com o senhor, a vida é como um jogo de xadrez, cada passo que você dá, é preciso pensar muito.

Izildinha e seu Ladir

Autora: Vitória Assis Rejano - 14 Anos

Professora: Rosamaria Ramos

Escola: E.E. Antonio Raposo Tavares

Cidade: Osasco - SP

Izildinha estava num dia comum de trabalho, numa clínica particular como enfermeira. Doutor Euclides a chamou e disse que tinha um novo paciente para ela.

- Izildinha, você vai aplicar soro no seu Ladir, tenha paciência, já que o velho está caducando e à beira da morte.

Izildinha, brava com o novo paciente, foi aplicar soro no velho, mas percebeu que o trabalho não duraria muito, já que o homem tinha 112 anos e estava muito doente. Assim, ela se apresentou e, logo, seu Ladir disse: “Meu Deus do céu, essa é a enfermeira que o povo estava comentando, ela nunca encontra a veia dos pacientes”.

Brava, Izildinha desmentiu a história e começou o trabalho. Na primeira tentativa, nada! Na segunda, quase; na terceira, quarta e quinta tentativas, nada. E o ancião, morrendo de dor, comentou: “desse jeito você vai encurtar meu tempo de vida, dona!”

Ela, então, tentou mais uma vez e, finalmente, conseguiu. Nesse momento, a pressão de seu Ladir foi caindo, caindo e seus olhos se fechando. Nisso, Izildinha se desesperou e ouviu o velho dizer:.

- Você me paga, mulher por sua causa eu não vou ser lembrado por todos como o mais velho do mundo.

Então, seu Ladir fechou completamente os olhos e morreu. Quando Izildinha foi marcar na ficha do velho o horário da morte, viu uma observação: a enfermeira responsável pelo paciente deve cuidar bem dele, já que daqui a cinco dias ele completará 113 anos e irá para o livro dos records.

Sou escritor

Laé de Souza

Escrevia poesias, crônicas e mostrava aos amigos. Discutia, explicava-as. Mas, meu pai, ficava de cara feia, quando me via falar que seria escritor e dizia que era coisa de preguiçoso. “Imagina, ficar sentado o dia todo inventando histórias, divagando. E lá tu tens jeito pra escritor”, dizia. Sonhava-me bancário. Minha mãe completava: - Se possível do Banco do Brasil, como teu primo. Se não der, que seja do Bradesco, como teu tio, que fez carreira. - Meu destino estava traçado. Seria bancário.

Eu já me achava pronto para publicar meus textos. Meu pai, amigo do dono do jornal, poderia até facilitar, mas, certamente, não intermediaria tal coisa. E eu ficava a me imaginar falando com o seu Jovino. “Sou Luiz Antonio, filho do seu amigo Machado, e tenho umas boas crônicas para publicar. **Nós** agradeceríamos a publicação”. Levaria várias, ou somente uma? Cheguei a passar várias vezes em frente ao jornal e, um dia, cheguei até a porta, porém, não tive coragem de entrar para falar com o seu Jovino.

Resolvi que o melhor seria enviar pelo correio. Depois de muitas dúvidas, escolhi uma das crônicas, “Minha doce vida – Autor: Luiz Antonio **Machado**”, datilografei o texto, várias vezes, até que ficou bem diagramada e sem rebatidas. Por fim, coloquei em um envelope e mandei junto um pequeno bilhete: “Dr. Jovino, gostaria de publicar esta minha crônica no seu jornal. Sou o Luiz Antonio, filho do seu amigo Machado.” – Estava lançada a sorte.

Passado alguns dias, recebi um telegrama:

Ilmo Sr. José Luiz Machado

Tenha gentileza comparecer à redação jornal Cidade. Falar

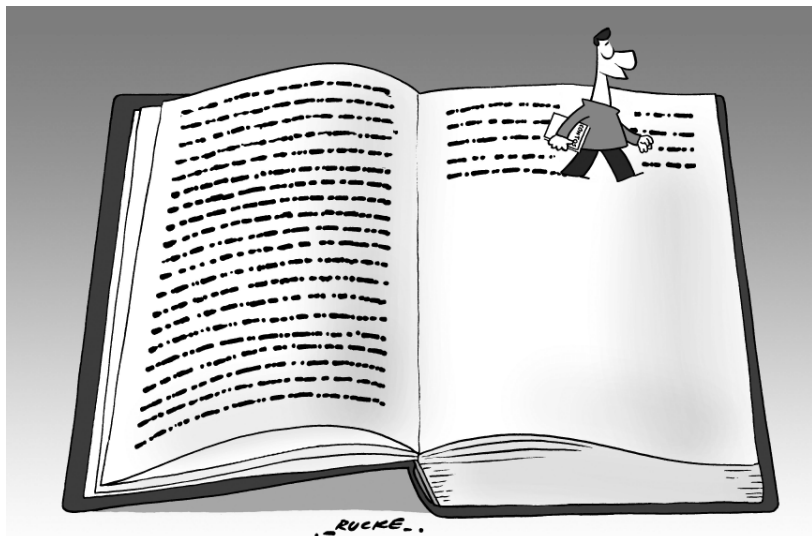
Doutor Jovino.

Recebi o tal telegrama por volta das 16h. Pensei em ir, no mesmo dia; no entanto, daria a impressão de desespero, o que talvez não fosse bom. Iria, no dia seguinte, pela manhã, e cedo, claro.

Passsei a noite pensando. Como fora bom não pedir a interferência do meu pai. Seria o cronista do jornal por méritos próprios. Mostrei o telegrama aos amigos. Fora convidado para cronista do jornal A Cidade. Enfim, o merecido reconhecimento. Relembrava o telegrama: Tenha a **gentileza** – estava sendo tratado com respeito e consideração que se deve ter com um escritor. Não via à hora de chegar pela manhã.

Vesti minha melhor muda de roupas e lá fui. No caminho, ia pensando em como seria o tal contrato. Quanto seria o valor por crônica. Se ele quisesse mais, bateria o pé para ser apenas uma por semana para não ficar muito batido. Nada de exclusividade... Ao chegar, apresentei-me à secretária:

- Escritor Luiz Antonio.
- Luiz, de quê? – perguntou ela.



- Escritor Luiz Antonio – enfatizei o Escritor e pensei: será que era tão burra a fulana ou o doutor Jovino não havia falado que teriam um novo cronista no jornal?

Ela olhou de soslaio e foi até a sala do doutor Jovino.

Entrei, sentei-me e esperei que ele pedisse à moça que trouxesse um cafezinho, mas qual nada. Foi direto ao assunto. Que era muito amigo do meu pai, e que estava conversando comigo, justamente por isso. Que leu o meu texto e achou coisa de maluco, sem pé nem cabeça e que aconselhava que eu procurasse ajuda de um psiquiatra. Sem sentido e perigoso. Daí pra frente, não ouvi mais nada e só balançava a cabeça consentindo. Meus pensamentos estavam na moça, lá da recepção, que deveria estar caçoando de mim, e em uma desculpa para dar aos amigos. Procurei e não vi outra porta, teria que passar pela tal moça. Dito e feito. Ao sair, ela me cumprimentou: - Bom dia, escritor Luiz Antonio. – Dei-lhe um xingo, bati a porta e fui pelas ruas, chutando as pedras que estavam pelo caminho.

É difícil?

Laé de Souza

Confesso que foi.

Foi preciso que eu me livrasse de muitos preconceitos.

Que quebrasse um orgulho adulto e de que, como criança, perguntasse.

Que lembrasse de um passado, desde menino, não com nostalgia, mas como aprendizado.

Que tivesse a coragem de ver como párvulo e pensar como doido.

Foi preciso rebuscar remotas fases da infância em que se achava beleza em coisas tristes e não deixar escapar.

Foi preciso exercitar uma sensibilidade de fêmea e uma imaginação histórica de criança.

Foi preciso que interpretasse, no riso, a graça e não o sarcasmo, mesmo quando fosse.

Que não me deixasse abalar pelos que não sentem o prazer na poesia, nem se embalam numa descomprometida prosa.

Foi preciso que, num momento de coragem, me expusesse a um amigo e, depois com mais coragem ainda, a uma pessoa e depois a desconhecidos.

Foi preciso que eu percebesse que sentia prazer.

Foi preciso que, mesmo não estando com o coração de amante, sentisse a beleza da lua, das estrelas e me extasiasse diante de um pôr de sol, sem me envergonhar.

Foi preciso que eu me encorajasse a beijar na rua como um adolescente.

Foi preciso que eu encontrasse velhos que pensam como crianças e acreditam que têm um futuro longo de muitas brincadeiras, que só devem ser interrompidas para coisas

importantes como comer e beijar.

Foi preciso que eu tivesse coragem de me deixar ser visto chorar.

Foi preciso que eu alçasse voos sem sair do chão e criasse visões.

Que eu não me envergonhasse em ensaiar novos passos, em observar os mais exímios dançarinos e, sobretudo, não me inibisse a tentar, novamente, ao tropeçar na dama.

Foi preciso que tivesse a ousadia de não censurar a mim mesmo.

Foi preciso que eu sentisse prazer e, às vezes, até chamasse a insônia.



Foi preciso que eu me desnudasse e rompesse o hímen.

Hoje, não é preciso muita força para arrancar, amigo. Mas, o primeiro canto d'alma, que saiu desafinado e acanhado em forma de poesia, foi difícil, difícil, difícil... Dificílimo.



Desmistificar o slogan “o brasileiro não gosta de ler”. Esta foi a força motriz que levou o escritor, cronista e dramaturgo Laé de Souza a criar os projetos de leitura **Encontro com o Escritor, Ler é Bom, Experimente!, Lendo na Escola, Leitura no Parque, Viajando na Leitura, Dose de Leitura**, entre outros.

O projeto **Encontro com o Escritor** tem como base o empréstimo de seus livros a adolescentes do ensino fundamental a partir da 5ª série, seguido de um concurso de redação e o encontro com o escritor para um bate-papo.

Nos projetos **Ler é Bom, Experimente!** e **Minha Escola Lê** são doados livros às escolas participantes. Os alunos desenvolvem atividades de leitura e criação de textos. Já participaram do projeto escolas de todos os Estados do Brasil.

O projeto **Leitura no Parque** tem como objetivo proporcionar entretenimento e incentivar o hábito da leitura em parques públicos. O trabalho consiste no empréstimo das obras de autoria do cronista aos visitantes de diversos espaços abertos em São Paulo.

O projeto **Viajando na Leitura** visa oferecer leitura a usuários de transportes públicos como ônibus e metrô e é executado em parceria com empresas de transportes coletivos.

O projeto **Dose de Leitura** é realizado em parceria com hospitais e direcionado aos pacientes e acompanhantes.

O projeto **Caravana da Leitura** consiste na distribuição ou venda de livros, a preço simbólico, para estudantes e o público em geral nas praças públicas de várias cidades, com a presença do autor, em parceria com as Secretarias de Educação e de Cultura dos municípios.

O projeto **Minha Cidade Lê** objetiva incentivar o hábito da frequência à biblioteca pública. Com a participação de voluntários é colocado um livro em todas as portas das casas da cidade. Após a leitura, o morador a trocará por outra obra do autor na biblioteca local.

Correspondências
CAIXA POSTAL 24.593
03563-970 - São Paulo - SP
E-mail: laedesouza@projetosdeleitura.com.br

Conheça os projetos

Ler é Bom, Experimente!

Lendo na Escola

Leitura no Parque

Viajando na Leitura

Dose de Leitura

Caravana da Leitura

Minha Cidade Lê

Minha Escola Lê

Leitura não tem Idade

Dia do Livro

no site:

www.projetosdeleitura.com.br



(11) 2743-8400 - 2743-9491
E-mail: ecoarte@ecoarte.com.br

Sobre o Autor



Jequeense, radicado em São Paulo há mais de 40 anos, Laé de Souza é cronista, dramaturgo, produtor cultural, bacharel em Direito e Administração de Empresas, escritor de livros dirigidos ao público infantil, juvenil e adulto. Autor de vários projetos de incentivo à leitura e coordenador do Grupo Projetos de Leitura há mais de vinte anos.

Peças teatrais: Noite de variedades, Casa dos Conflitos, Os Rebeldes, Viravolta na vida e Minha linda Ró.

Obras publicadas: Nos bastidores do cotidiano, Acredite se quiser!, Acontece... e Espiando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile), Coisas de homem & coisas de mulher, a série infantil Quinho e o seu cãozinho Radar, Nick e Bia na floresta encantada (bilingue), dentre outros.

Projetos culturais: Ler é Bom, Experimente!, Caravana da Leitura, Dose de Leitura, Viajando na Leitura, Leitura no Parque, Leitura não tem Idade, Lendo na Escola.

Outras ações: Ao longo de sua carreira, Laé de Souza vem desenvolvendo várias ações de incentivo à leitura em todo o país: doação de livros de sua autoria para estudantes de escolas da rede pública, ONGs, hospitais, usuários de transportes coletivos, palestras para professores e estudantes, caravanas e oficinas literárias, distribuição de livros em casas, praças e parques públicos, edição anual de um livro com textos produzidos por estudantes participantes dos seus projetos de leitura.